



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à rádio Paiquerê FM

Londrina-PR, 22 de junho de 2009

Jornalista: Oi, pessoal. Falamos, finalmente, ao vivo, o tempo todo, do aeroporto de Londrina, aeroporto Governador José Richa, e eu vou me permitir: à minha frente “o cara”, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Veio à nossa cidade, eu diria, para um momento muito especial do seu governo. Bom dia, Presidente.

Presidente: Bom dia, meu caro Spinosa. Bom dia, ouvintes da rádio Paiquerê FM. Bom dia, povo do Paraná, e bom dia, povo de Londrina. Estou à sua disposição, Spinosa.

Jornalista: Pois é, Presidente. Eu estou começando a segunda-feira não tão alegre, apesar da sua visita, porque o seu time ganhou do meu por 3x1. Não precisava ser tanto assim.

Presidente: Mas você há de convir que estava na hora de o Corinthians ganhar um jogo, porque o São Paulo já é seis vezes campeão brasileiro, o Corinthians é só quatro. O Corinthians vinha de uma fase muito ruim, foi para a Segunda Divisão, voltou agora. É justo que o Corinthians ganhe uma vez do São Paulo.

Jornalista: É.

Presidente: Sabe que eu tenho um drama em casa. Ontem eu estava assistindo ao jogo com o meu neto, o meu neto é são-paulino, e cada vez que



o Corinthians marcava um gol, o meu neto chorava. Ele falava: “O time do São Paulo acabou, vô. O time do São Paulo acabou”. Eu falava: não, meu filho. Isso é só um jogo, meu filho. No próximo, o São Paulo ganha.

Jornalista: Mas o senhor pode ter certeza de que não há bem que sempre dure e nem mal que nunca se acabe. O senhor tenha paciência que as coisas vão mudar.

Presidente: Eu estou com a leve impressão, Spinosa, de que o Corinthians vai ganhar do Internacional no dia 1º, e estou com a leve impressão de que o Corinthians vai ser campeão do Brasileiro porque, não sei se você se lembra, desde maio do ano passado até agora nós só perdemos três jogos, e isso é um feito inusitado para o time do Corinthians.

Jornalista: É realmente inusitado, e eu espero que não se repita. Não é isso? A gente tem até um auditório aqui: o governador Requião, o prefeito Barbosa Neto, o ministro Paulo Bernardo, a ministra Dilma.

Presidente: O ministro Lobão.

Jornalista: O ministro Lobão, a esposa do ministro Paulo Bernardo. Todo mundo, todo mundo aqui. Presidente, vamos começar?

Presidente: Vamos.

Jornalista: O senhor tem dito, reiteradamente, que não quer um terceiro mandato. O que o senhor pretende fazer na vida quando terminar agora o segundo, hein?



Presidente: O que eu fazia antes, com mais experiência. Eu pretendo continuar trabalhando, fazendo política. Eu não quero o terceiro mandato por uma coisa muito simples, Spinosa. Eu tenho dito que a gente não pode brincar com a democracia. Você sabe que nós vivemos hoje o mais longo período contínuo de democracia no País, desde que fizemos a Constituição ou desde que o Sarney assumiu a Presidência da República, depois do regime militar. Eu acho que a alternância de poder é importante porque vai permitindo ao povo, cada vez mais, escolher alguém. E eu sempre vou torcer para que as pessoas escolham alguém melhor do que eu, alguém que faça mais do que eu, alguém que possa fazer avançar aquilo que nós começamos a fazer em 2003.

Jornalista: Já que é assim, eu me permito: devido à sua elevada aprovação no Brasil e também no exterior, o senhor é visto hoje como uma grande liderança internacional. O senhor aceitaria alguma missão internacional para mediar soluções de problemas como, por exemplo, o conflito entre palestinos e israelenses?

Presidente: Eu vivo a minha vida resolvendo conflitos, meu caro. Sinceramente, aqui na América Latina, eu vivo constantemente resolvendo conflitos, ajudando os companheiros que muitas vezes têm divergências e que têm problemas sérios. Obviamente que eu gostaria, enquanto presidente da República, de ajudar a encontrar a paz no Oriente Médio para que os palestinos e israelenses pudessem viver tranquilamente cada um com o seu Estado soberano, porque criar o Estado palestino não é incompatível para a manutenção do Estado de Israel. O que não pode é, para criar um, destruir o outro. Eu penso que o Brasil tem feito um papel importante. Nós participamos da reunião de Annapolis, nos Estados Unidos, nós estamos fazendo uma nova reunião na Rússia que precisa o presidente russo marcar a reunião. Eu tenho uma tese: o que não pode é apenas os Estados Unidos quererem ser os



responsáveis pela paz lá, porque ou você coloca todo mundo que vive em conflito em torno de uma mesa e passa então a levantar os problemas de cada um... porque dentro da própria Palestina tem conflito. Você tem a Autoridade palestina que pensa de um jeito, você tem um Hesbolah que pensa de outro jeito. Se você não conseguir combinar uma única posição palestina e uma única posição israelense, dificilmente você encontrará a paz.

Além do que, tem muitas ingerências internas, tem muita gente que tem influência tanto nos palestinos quanto nos judeus, e eu penso que isso só será resolvido se as pessoas quiseram se sentar à mesa com a disposição de quererem a paz. E eu tenho dúvidas se muita gente que está na mesa quer a paz.

Jornalista: Presidente, eu vou lhe perguntando o que me vem na... “sabituca”. Não tem problema?

Presidente: Não tem problema.

Jornalista: O FMI, Presidente, foi durante muito tempo e não faz tanto tempo assim, o grande carrasco dos países em desenvolvimento e, inclusive, para com o Brasil. No seu governo o Brasil não só deixou de tomar dinheiro emprestado do FMI, mas agora chega a ponto de emprestar US\$ 10 bilhões para o FMI ampliar os seus recursos para países pobres e atingidos pela crise. Como isso foi possível, Presidente?

Presidente: Foi possível governando o Brasil com muita seriedade. Quando nós assumimos o governo em 2003, eu tinha como meta, como ambição minha, acabar com a nossa relação de dívida com o FMI. Você sabe que nós tínhamos praticamente US\$ 16 milhões do FMI colocados à nossa disposição. Quando eu liguei para o presidente Rato, que é um espanhol que presidiu o



FMI, e disse a ele que eu queria devolver o dinheiro, ele não acreditou. Na verdade, ele não queria que o Brasil devolvesse o dinheiro, ele queria que o Brasil ficasse com o dinheiro. Eu disse para ele que o Brasil não precisava do FMI e não precisava de dinheiro, Nós estávamos comprando dólares, nós estávamos com reservas e, portanto, eu queria quitar minha dívida.

Quando nós fomos agora a Londres, na reunião do G-20, foi proposta brasileira que a gente colocasse mais dinheiro no FMI, para que o FMI, de forma prioritária, atendesse os países mais pobres, sem condicionalidades.

O fato de o FMI emprestar dinheiro a um país é normal. O que é anormal é o FMI emprestar dinheiro e depois começar a mandar seus diretores aos países, dizer o que o país tem que fazer: se pode fazer estrada, se pode fazer escola, se pode fazer universidade, se pode fazer uma ponte. O FMI tem que emprestar dinheiro e o único compromisso que o país tem é pagar. E os juros têm que ser mais baixos e não pode ter nenhuma condicionalidade.

Então, eu, quando tomei a decisão de emprestar US\$ 10 bilhões para o FMI, tomei a decisão com muita tranquilidade porque o Brasil tem que se portar como um país grande. Se nós queremos que os outros países tenham dinheiro, se nós queremos democratizar o FMI, na hora que tem que partilhar os recursos o Brasil não pode fingir que é pequeno e dizer: não, eu sou pobre, eu não posso dar. Não! Nós temos reservas, nós temos grandeza suficiente para dizer: nós vamos dar a nossa parte. A China pode dar mais, deu US\$ 40 bilhões; outro pode dar menos, que dê 5, que dê 1. Os Estados Unidos podem dar mais? Que dêem mais. Agora, o Brasil pode dar US\$ 10 bilhões. E isso é importante, Spínosa, porque não diminuí as nossas reservas, porque é um empréstimo. Portanto, nós estamos tranquilos e muito felizes, Spínosa, muito felizes. Eu tenho orgulho porque passei 20 anos da minha vida carregando faixa por este país afora: Fora FMI! Fora FMI! Foi exatamente no meu governo que nós criamos as condições para não precisarmos mais do FMI.



Jornalista: Presidente, vamos falar de umas das razões da sua vinda ao norte do Paraná. O programa “Luz Para Todos” tinha como meta levar energia elétrica para 2 milhões de famílias. Essa meta está sendo atingida agora, um ano e meio antes do final do seu mandato. O senhor acha que vai ser possível ampliar este programa? Quantas ligações mais o senhor acha que serão possíveis até o final do seu mandato?

Presidente: Olha, uma coisa importante, Spinosa, porque nós estamos cumprindo a nossa meta estabelecida pela pesquisa do IBGE com bastante antecedência. Quando nós fazemos... Hoje, na verdade, nós completamos 2 milhões e 40 mil ligações, significa 2 milhões e 40 mil casas atendidas, significa aproximadamente 10 milhões de pessoas.

Quando nós fomos a campo para fazer essas ligações é que nós descobrimos que tinha muito mais gente do que estava nos dados do IBGE. Nós encontramos mais ou menos mais de 1 milhão de pessoas, e nós agora assumimos o compromisso: enquanto governo federal eu tenho certeza de que os governos estaduais vão continuar participando, como participaram da primeira fase e mais as empresas. Vamos tentar, até 2010, zerar e apagar o último candeeiro que existe neste país. Spinosa, eu vou te dar um dado aqui para você ver que coisa interessante. Esse programa colocou 4 milhões e 620 mil postes, esse programa colocou 883 mil quilômetros de cabos, e esse programa colocou 708 mil transformadores. Dá uma noção de quantas coisas foram utilizadas e, ao longo desse programa todo nós conseguimos, desde o início do Programa, envolvendo todas as etapas, gerar aproximadamente 300 mil empregos no Brasil, porque cada empresa fazia os postes no seu estado, utilizava os cabos do seu estado, os transformadores do seu estado. Para mim, é uma coisa importante. Chegar em uma casa, apertar um botãozinho e acender uma luz, é você tirar a pessoa do século XVIII e colocar a pessoa no século XXI. É quase como se fosse um milagre.



Eu fui inaugurar o programa Luz para Todos na Bahia e quando eu cheguei lá tinha duas mães solteiras, cada uma com três filhos, e o candeeiro era uma lata de Coca-Cola com um pavio queimando querosene. As crianças mal conseguiam enxergar o prato de comida. Imagine estudar, então. Aí, quando eu coloquei a mão das mulheres na tomada e apertei, que acendeu a luz, é como se elas tivessem sido transportadas em uma viagem na máquina do tempo e avançado 200 anos na vida delas.

É importante lembrar que esse Programa nós fazemos de graça. Setenta e dois por cento é financiamento do governo federal, 28% é financiamento dos estados e nós fazemos ligações de graça. Algumas ligações hoje... na Amazônia, por exemplo, que está cada vez ficando mais difícil porque cada vez mais as pessoas estão mais longe, cada vez precisa de mais postes, cada vez precisa de mais fios, às vezes chega a custar R\$ 5 mil uma ligação, e nós fazemos de graça porque nós achamos que é um direito de todo brasileiro ter acesso à energia elétrica.

Jornalista: Presidente, aqui em Londrina quase 10 mil famílias já se inscreveram para ter atendimento no projeto Minha Casa, Minha Vida. Isso deve estar acontecendo também em todo o País. Vai dar para atender todo mundo, Presidente? Será que tem suporte para isso? O que o senhor acha?

Presidente: Olhe, é um desafio, é um desafio. Quando eu pedi para a ministra Dilma e para o ministro Guido Mantega elaborarem a primeira proposta do programa habitacional – eu queria fazer um grande programa – e eles foram conversar com os empresários, a primeira proposta que veio foi de construir 200 mil casas. Eu falei: 200 mil casas não é um grande programa. Eu quero mais. Aí me apresentaram de 500 mil casas. Eu falei: 500 mil casas não é um grande programa. Eu quero um grande programa. Aí apresentaram para mim a proposta de 1 milhão de casas. Esse 1 milhão de casas parece fácil de falar,



mas aí nós, agora, começamos a conversar com os governadores, com os prefeitos, com os empresários, e o desafio que está colocado para os empresários brasileiros, para a Caixa Econômica Federal, é de a gente construir 1 milhão de casas até 2010. Eu não utilizei data porque vai depender muito da capacidade empresarial, se tem material de construção civil, se nós temos competência para produzir os equipamentos necessários para fazer 1 milhão de casas. Esse desafio está de pé.

Nós começamos o processo de inscrição. Só para você ter ideia, o estado do Paraná vai ter direito de construir 44 mil e 172 casas. Não é brincadeira, em um ano e meio, construir isso de casas. Gente precisando de casa, eu sei que tem. Nós privilegiamos as pessoas que ganham de um a três salários mínimos, que são pessoas mais necessitadas, as pessoas que menos têm acesso a casa, e essas pessoas vão ter uma vantagem. Hoje, por que é difícil comprar uma casa? Porque se eu pago aluguel e eu compro uma casa, eu tenho que pagar o aluguel e pagar a prestação da casa. Então, o que nós fizemos? A pessoa que se inscrever não vai pagar nada até receber a chave. Ela só vai pagar a casa quando deixar de pagar o aluguel. Aí, eu acho que vai ser uma coisa extremamente importante.

As inscrições têm sido um sucesso extraordinário, e eu espero que a gente consiga cumprir todas as metas. Não depende mais do governo só, porque o governo já disponibilizou os recursos, o financiamento, a taxa de juros, o seguro, tudo o governo fez. Agora depende da capacidade de os prefeitos inscreverem as pessoas, cadastrarem, dos governadores, dos empresários e da coordenação do governo federal fazer isso. A Dilma tem a responsabilidade de coordenar esse programa junto com o Ministro das Cidades, junto com a Caixa Econômica Federal, e eu acho que nós vamos cumprir.

Eu estou desafiando os empresários a construírem. Todo mundo reclamava que a gente não conseguia fazer casas, e também é por conta da



crise que nós precisamos gerar empregos neste país. Então, nós queremos gerar emprego na construção civil, queremos gerar emprego na indústria de madeira, queremos gerar emprego na indústria metalúrgica, na siderúrgica, produzindo aço, e eu acho que nós vamos ter sucesso. Se a gente conseguir fazer, Spinosa, nós criamos outro paradigma para construir casas no Brasil e ninguém nunca mais vai construir 30 mil casas, 40 mil casas, 50 mil casas, porque nós vamos aprender a construir muito mais casas.

Jornalista: Ministra Dilma, a próxima pergunta talvez devesse ser feita também para a senhora, mas como eu estou na frente do Presidente, lá vai. Presidente... Sente-se aqui, Ministra, por favor. Presidente, o PAC é o seu grande programa de obras e tem sido também o maior instrumento de combate à crise financeira internacional. O senhor declarou um dia que a ministra Dilma é a mãe do PAC. O senhor está satisfeito com o ritmo das obras, Presidente?

Presidente: Olhe, eu vou deixar a Dilma falar, mas eu queria só dizer uma coisa. É importante, Spinosa, lembrar que a gente pensou no PAC antes da crise financeira mundial. Nós pensamos no PAC, na verdade, ainda em 2006. Nós não lançamos o PAC em 2006 porque nós não queríamos que ele se transformasse em uma peça de campanha eleitoral, deixamos para lançar no dia 22 de janeiro. Você veja que eu tinha certeza de que ia ganhar as eleições, porque poderia lançar o Programa, e não lancei o Programa para não utilizá-lo na campanha eleitoral. O PAC está, eu diria, de forma extraordinária, andando bem, e eu acho que ele é uma novidade extraordinária. É tão bom o PAC que, no ano que vem, nós vamos preparar um outro PAC para 2010, 2011 ou 2015 [2010/2014]. Por quê? Porque isso facilita a vida de quem entrar no governo, [que] vai pegar dinheiro no Orçamento, vai pegar dinheiro na LDO, vai pegar dinheiro no Plano Plurianual, vai pegar os projetos já feitos. Portanto, não vai ter o trabalho que nós tivemos de fazer todos os projetos. Portanto, agora eu



passo a palavra à ministra Dilma que é, na verdade, a grande mãe do PAC neste país.

Ministra Dilma Rousseff: Eu queria, primeiro, cumprimentar o prefeito Barbosa Neto, que está aqui presente, e o jornalista Spinosa da rádio Paiquerê FM, e todos os ouvintes daqui de Londrina e do Paraná.

O PAC, Spinosa, está a pleno vapor. Nós, no PAC, conseguimos, depois... porque você sabe como o Brasil era. Nós não tínhamos projetos, nós não herdamos. E “nós”, quando eu falo, as prefeituras, os estados e a própria União, porque vinham de anos e anos sem investimentos no Brasil. Para se ter uma ideia, o investimento em saneamento no Brasil, quando era muito, era R\$ 500 milhões. Hoje, R\$ 500 milhões é uma obra do PAC. O PAC teve um processo para deslançar. Nós tivemos, primeiro, de colocar o PAC no papel, porque falavam assim: “O PAC só está no papel”. Quem dera que em 2007 ele estivesse no papel, porque aí ele teria projeto executivo e nós poderíamos ter licitado e começado. Não. Nós tivemos que fazer os projetos, licitar e agora a grande maioria das nossas ações está em obras. Então, eu tenho uma relação com o PAC que é assim, sou muito otimista. Acho que nós estamos bem, nós estamos tocando as obras. Mas, ao mesmo tempo, eu tenho que ser exigente. Todos os dias eu tenho de achar que onde tem problemas nós temos que atacar. Inclusive, Spinosa, eu queria anunciar uma coisa que eu acho muito importante: nós vamos aqui, por determinação do Presidente, fazer o balanço do PAC no Paraná. Nós viemos aqui com o governador Requião, com os prefeitos, inclusive o prefeito Barbosa Neto, fazer aqui no Paraná o balanço de cada uma das obras do PAC. Por que nós viemos fazer isso aqui? Porque aqui a população sabe o que está e o que não está andando, e para nós é muito importante esse contato com a população, com os empresários locais. O PAC também está servindo para a gente combater a crise. O Presidente determinou que a gente aumentasse os investimentos no PAC. Então, nós passamos de



504 bilhões até 2010, para 646 bilhões até 2010. Aqui no Paraná, além das obras de saneamento e habitação, nós estamos fazendo rodovias, nós temos investimentos também na área de energia. Enfim, é todo um conjunto de investimentos que nós estamos ampliando e tocando como uma forma... inclusive, conversando com os empresários, quando eles puderem aumentar a frente de obras, fazer dois turnos, por exemplo, nós vamos poder empregar mais, e com isso nós vamos estar também ajudando o Brasil a sair mais rápido da crise.

Jornalista: O Presidente já tomou um gole d'água. Vamos tocar em outro assunto, Presidente. O senhor está vindo a Londrina para fazer a ligação de energia lá em Congonhinhas, mas me parece que o grande destaque é o Plano Agrícola e Pecuário 2009/2010. Qual é o tamanho desse Plano, Presidente, qual é o seu conteúdo? E para complementar, o que o senhor espera dele como resposta?

Presidente: Antes de falar do Plano, posso te dar um número extraordinário?

Jornalista: Claro.

Presidente: No programa Luz para Todos nós temos 13 estados que já cumpriram as metas, ultrapassaram a meta inicial: Paraná, São Paulo, Sergipe, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Pernambuco, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo, Ceará e Alagoas. Todos esses estados já ultrapassaram a meta prevista inicialmente. Nesse Programa, o que é impressionante, Spinosa, é que 96 mil famílias voltaram ao campo, por conta do programa Luz para Todos. Veja que interessante, as pessoas voltaram porque tiveram condições. Mas veja que dados interessantes: 35,8% tiveram aumento na renda familiar e 34% tiveram



melhora nas oportunidades de trabalho; 41% passaram a estudar no período noturno, esse é um outro dado extraordinário; 78,5% adquiriram televisor, 78,5% das pessoas que receberam o Luz para Todos compraram televisor; 73,1% compraram geladeira; 44,7% compraram equipamento de som. Isso corresponde à comercialização de 1,57 milhão de televisores, 1,46 milhão de geladeiras e 894 unidades de aparelhos de som. Veja que coisa extraordinária. Tem muito mais gente ouvindo o seu programa, tomando uma cervejinha gelada, tomando um cafezinho quente ou, se estiver muito frio, tomando um chimarrão. Tem muita gente vendo mais televisão. Então, o Programa é uma revolução. Na verdade, esse Programa é extraordinário.

Jornalista: Agora, o Plano, Presidente.

Presidente: Com relação ao Plano Safra. O Plano Safra deste ano tem 107,5 bilhões. É o maior programa de financiamento da agricultura já feito na história do País. Só para você ter ideia, é 37% maior do que o Plano Safra do ano passado. Do total, serão 92,5 bilhões para a agricultura empresarial e 15 bilhões para a agricultura familiar. Veja que interessante. Na verdade, além da agricultura familiar ter os 15 bilhões, eu tenho dito aos meus companheiros do Sem-Terra, da Contag, da Fetraf: vocês terão muito mais dinheiro se vocês gastarem o dinheiro que nós disponibilizamos. O dinheiro do Pronaf, por exemplo, é muito utilizado em uma parte do Paraná, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Ele é menos utilizado em regiões como São Paulo, Rio, Norte e Nordeste. Nós queremos incentivar que no Norte e no Nordeste as pessoas aprendam a utilizar os recursos do Banco do Brasil, do Pronaf, porque se precisar de 20 bilhões, nós colocaremos 20 bilhões; se precisar de 30 bilhões, nós colocaremos 30 bilhões.

Mas o grande milagre disso tudo é que em julho do ano passado nós criamos um programa de financiamento de tratores e implementos agrícolas



para a agricultura familiar. Foram R\$ 25 bilhões colocados como financiamento. Essas pessoas têm muito tempo para pagar, os juros são de 2%. E veja que interessante: nós já vendemos, em 10 meses, 11 milhões [mil] de tratores de 78 cavalos. Hoje isso representa 75% da produção de tratores no Brasil. Ia terminar agora em julho e nós prorrogamos por mais um ano. Nós não queremos vender apenas o trator. Vender apenas o trator é como se você vendesse dois, um casal de bois sem o carro. Ou seja, é preciso vender os implementos agrícolas, para que o pessoal possa plantar o milho, possa plantar a mandioca, possa plantar qualquer coisa. Ele tem que ter os implementos, as máquinas que vão complementar a utilização do trator.

E nós queremos fazer uma revolução na agricultura familiar porque hoje ela representa 70%, ela produz 70% do alimento que nós consumimos neste país. E não é contraditório, tem muita gente que quer arrumar uma briga entre a agricultura familiar e a agricultura empresarial. Eu acho que são duas coisas distintas. A agricultura empresarial é extremamente importante porque ajuda muito na balança comercial brasileira, e a agricultura familiar é muito importante. O que nós precisamos fazer? Fazer com que a agricultura familiar tenha acesso à tecnologia, possa produzir muito mais. É preciso acabar com aquele conceito de cultura de subsistência: “eu vou plantar só para comer”. Não. As pessoas têm que plantar, têm que diversificar a sua produção na sua área, as pessoas precisam aprender a vender e a ganhar dinheiro. Por isso é que nós criamos o PPA, o programa de compra de alimentos da agricultura familiar, para ajudar o pequeno produtor a ter um preço garantido. Nós hoje temos preço mínimo até para as reservas extrativistas, ou seja, o cidadão que colhe borracha, que colhe castanha - que era do Pará e agora é castanha do Brasil. Nós temos preço mínimo para isso, para que a gente incentive a pessoa a produzir. De forma que eu estou muito feliz com o lançamento do Plano Safra. Eu acho que os empresários brasileiros, da agricultura, sabem que é o plano mais importante que nós já lançamos, acho que a agricultura familiar



sabe também que é o plano mais importante para ela. O que eu espero? Eu espero que a gente tenha tempo bom – nem muita chuva, nem muita seca, que o tempo seja razoável – para que a gente volte à casa dos 145, 150 milhões de toneladas de grãos por ano.

Este ano nós vamos ter uma queda de 7,8 [%] porque nós tivemos problema de excesso de chuva em uma parte, excesso de seca na outra parte. Veja o absurdo: em Santa Catarina, nós tínhamos a parte perto do mar chovendo muito e tivemos Chapecó, ali, com uma seca desgramada, onde o pessoal perdeu muita coisa. No Nordeste, agora, tivemos excesso de água, muita gente perdeu sua lavoura. No Amazonas nós estamos com excesso de água; tivemos no Pará, tivemos no Acre, tivemos em Rondônia, e agora no estado do Amazonas. Significa que, desta vez, Deus parece que está um pouco zangado e resolveu dizer: “Olha, ou vocês param de pedir todos os dias muita água ou todos os dias muita seca, deixem-me trabalhar (incompreensível) porque eu sei o que fazer”.

De qualquer forma, eu espero que Deus nos ajude, porque acho que as *commodities* estão com um preço bom no mercado internacional, tem mais chineses comendo, tem mais indianos comendo, tem mais africanos comendo, tem mais brasileiros comendo, tem mais latino-americanos comendo, e tudo isso ajuda o Brasil. Nenhum país tem as condições que tem o Brasil e poucos estados têm as condições que tem o estado do Paraná, que é um estado abençoado por Deus.

Jornalista: Os senhores são testemunhas de que ele é que está esticando a entrevista, não é? Eu tenho sempre ficado mais ou menos quieto. Presidente, eu aprendi com o senhor a quebrar protocolo. Eu vou pedir para o meu colega radialista, prefeito de Londrina, Barbosa Neto, para fazer uma pergunta também para o senhor. Eu vou me permitir esse desaforo. Posso?



Presidente: Pode, pode.

Jornalista: Prefeito.

Prefeito Barbosa Neto: Obrigado, Ricardo Spinosa. Bom dia. Bom dia, presidente Lula, ministra Dilma, ministro Paulo Bernardo, Gleisi Hoffmann, governador Roberto Requião. É uma honra para nós, primeiro, poder falar nesta emissora que é a mais potente do interior do Brasil: 50 mil watts na terceira cidade do Sul do Brasil. Nós estamos sendo ouvidos agora no sul do Mato Grosso, no sul de São Paulo e em todo o norte do estado do Paraná. É uma honra para mim, como prefeito, poder receber o presidente da República mais popular da história deste país, presidente Lula, e nós assumimos o compromisso de dar continuidade a tudo isso com a futura presidente, a Dilma Rousseff, porque esses programas sociais, esses projetos não podem parar. Eu quero dizer, Presidente, que também como corintiano, estou muito feliz. Aliás, Londrina também já deu muita alegria para o Corinthians, porque cedeu o Ado, por exemplo, que foi tricampeão do mundo também. Era reserva na Seleção brasileira, mas foi goleiro do Corinthians muito tempo. Eu quero dizer, Presidente que para nós é um motivo de muita alegria, muita satisfação. Queria pedir uma audiência, depois, com o senhor. Não é o momento, agora, de a gente tratar disso tudo, mas nós temos aqui londrinenses, como o Gilberto Carvalho, como a Márcia Lopes, como o Paulo Bernardo, que é meu anjo da guarda, meu socorro lá em Brasília. Tenho enchido o saco, lá, do Ministro todo dia, toda semana a gente vai lá ou a Curitiba.

Presidente: Aliás, eu não sei o que o Paulo Bernardo faz tanto aqui no Paraná.

Prefeito Barbosa Neto: É verdade. Mas eu quero, presidente Lula, agradecer a sua visita aqui à nossa cidade, mais uma vez. Eu imitei o senhor, lá, quando



era deputado federal, na bancada do PDT, da outra vez; imitei o senhor em 89 aqui, eu também gosto de fazer uma imitação e queria finalizar para dizer: “Olha, Londrina, hoje, muito mais do que antes, eu quero que você seja muito feliz”.

Jornalista: Eu quero ver se ele faz melhor, viu! Presidente, para finalizar, porque sua assessoria já está me chamando atenção. Presidente, o senhor corre o risco de perder o ministro Paulo Bernardo, tão citado em todos os momentos. Até porque ele pode sair candidato a governador. O senhor vai deixá-lo sair governador, candidato a governador?

Presidente: Sabe qual é o problema, Spinosa? É que a gente não consegue segurar ministro. Tem um comichão assim, uma coisa, uma coceira, que quando vai chegando perto do ano eleitoral todo mundo quer ser candidato a alguma coisa. Eu não sei, veja... eu acho que se o Paulo Bernardo quiser ser candidato, ele tem direito de querer ser candidato.

Jornalista: E o senhor apoiaria?

Presidente: Eu não posso impedir que ninguém seja candidato. Obviamente que, sendo candidato, eu espero que aqui no Paraná a gente consiga construir uma aliança política e que todo mundo esteja junto, e que demarquemos quem é o nosso adversário e trabalhemos para derrotar nossos adversários tradicionais lá de Brasília e do estado do Paraná.

Mas eu não vou fazer melhor aqui do que o Barbosa Neto...

Jornalista: Mas deixe-me pedir uma gentileza ao senhor. Apesar de todo apressamento, eu queria pedir uma mensagem de otimismo para o povo do Paraná, do sul de São Paulo, do Mato Grosso do Sul. O senhor é um otimista



por excelência, o senhor acredita que o impossível é muito fácil de ser conseguido, desde que a gente busque derrubá-lo. Eu queria uma mensagem de otimismo do senhor. Use o tempo que quiser, pode falar até de tarde.

Presidente: Por uma razão simples eu sou otimista, Spinosa. Nunca na minha vida eu conquistei nada com facilidade, nunca. Eu, muitas vezes, me sentava em volta de uma mesa como esta que a gente está aqui, não tão chique como esta, com minha mãe e oito filhos, às vezes a gente não tinha o que comer e eu não via minha mãe reclamando, não via. O que via era ela ir para um tanque para tirar água de um poço para lavar roupa, para ver se ganhava algum dinheiro para ajudar a gente.

Eu não me lembro da imagem da minha mãe reclamando da vida. Eu também não sou de reclamar da vida, não sou de reclamar. Vamos à luta... Ninguém dá nada para a gente, tudo nós temos que conquistar, cada milésimo de coisa que a gente tem a gente tem que conquistar. Não existe dinheiro fácil, não existe nada que seja fácil. A gente tem que ganhar dinheiro às custas do nosso trabalho, às custas do nosso suor. Por isso eu queria dizer ao povo, aos ouvintes da rádio Paiquerê FM que a gente não pode ter momentos de desespero. A cada vez que a gente estiver pensando em uma situação ruim, a gente tem que pensar que a gente é capaz de vencê-la.

Também não existe milagre, nós temos que trabalhar, nós temos que construir o nosso amanhã. É com essa visão que eu discuto a crise econômica, é [foi] com essa visão que eu perdi três eleições e não desanimei, é com essa visão que eu continuo acreditando que nós seremos capazes de construir um Brasil extraordinário, para que os meus netos vivam em um país muito mais digno do que aquele que eu herdei do meu pai. É por isso que eu sou um otimista inveterado. Eu tenho dito: essa crise chegou ao Brasil tardiamente, depois que pegou todos os países, sobretudo depois que quebrou aquele banco Lehman Brothers, aquele banco americano. Essa crise chegou aqui



porque, também, alguns empresários brasileiros colocaram o pé no freio. Quem sustentou esse país foram os investimentos do Estado e o consumidor, foi o povo brasileiro que sustentou, para essa crise não causar o estrago que causou na Alemanha, na França e nos Estados Unidos. Nós vamos sair mais rápido dela, os indicadores já são mais otimistas, e eu acho que nós vamos sair em uma situação tranquila dessa crise. O que eu tenho dito às pessoas? Nós temos que nos preparar agora, em vez de ficar cantarolando como faz a cigarra, nós temos que fazer como a formiguinha, ou seja, preparar o Brasil de hoje na crise, para que quando terminar a crise o Brasil esteja muito mais à frente do que outros países. Eu tenho a convicção de que dentro de alguns anos o Brasil se transformará em uma grande economia, das melhores do mundo. E quando a gente olhar, assim: “o mundo precisa de alimentos, o mundo precisa de carne, o mundo precisa de leite, o mundo precisa de milho, o mundo precisa de soja, o mundo...” a gente olha para o território brasileiro e não tem nenhum país do Planeta que ofereça as condições climáticas, as condições de produtividade que este país oferece. Então, em vez de ficarmos desesperados, nós temos que olhar para a frente, levantar a cabeça e lutar. Lutar a cada santo dia para que a gente possa conquistar os nossos direitos.

Por isso, meu caro Spinosa, é que eu queria terminar esta minha fala ao povo, aos ouvintes da Paiquerê FM e ao companheiro Spinosa dizendo o seguinte: Londrina, hoje, mais do que ontem, eu quero que você seja muito feliz.

Jornalista: Um abraço, Presidente.

Presidente: Um abraço, Spinosa.

Jornalista: Eu já posso me sentir um jornalista realizado. Eu entrevistei “o cara”, eu entrevistei o senhor. Muito obrigada pela deferência. Eu estou muito



orgulhoso.

Presidente: Obrigado.

Jornalista: Só não prometo ao senhor mudar, para ser corintiano. Isso eu não prometo.

Presidente: Não, mas se for um torcedor são-paulino comportado, já está bom.

Jornalista: Está bom, Presidente, um grande abraço. Vai com Deus.

Presidente: Um abraço.

(\$31DHJLP)